

## **RELATO SOBRE A IMPORTÂNCIA DE UMA RÁDIO COMUNITÁRIA EM UM DOS MOMENTOS DE MINHA VIDA**

Darliete Sousa Lima<sup>1</sup>

Primeiramente, quero dizer que fiquei muito triste por não termos terminado de assistir ao documentário sobre a criação da Rádio Comunitária ESPERANÇA<sup>2</sup>, situada na cidade de Guaribas, pioneira do programa do governo Fome Zero, e que nos mostra que muitas vezes a fome não é necessariamente somente de alimentos, mas como também é importante a comunicação em nossas vidas.

Esse documentário, pelo pouco que foi mostrado, além de trazer conhecimento de como é importante uma rádio para uma comunidade, nos mostra o poder da coletividade, solidariedade, da comunicação e que é importante termos esperança sempre.

Desde os primeiros momentos do filme, logo me identifiquei com as imagens, o cotidiano daquela senhora que acorda cedo, sai em busca da água, aquele senhor sentado na cadeira em frente a sua casa. Todas essas cenas fizeram com que eu voltasse no tempo, pois eu vivi, presenciei, fui aquela criança com um balde d'água na cabeça, alguns anos atrás.

Até os meus quinze anos de idade, eu morei num pequeno vilarejo chamado Vila Canindé, localizado no município de Tomé-Açú, no interior do estado do Pará, onde naquela época assim como Guaribas, a comunidade tinha fome de comunicação.

Não existiam telefones. Rádio e televisão eram somente para quem tinha poder aquisitivo para comprar uma antena parabólica. Eu presenciei o avanço, a popularização da televisão, mas a rádio comunitária da comunidade, onde era possível ouvir as vozes dos meus amigos, que são os responsáveis pela mesma, ou ouvir uma música selecionada por algum deles, o surgimento da rádio do meu povo, não tive prazer, porque nessa época eu já estava morando em São Paulo.

---

<sup>1</sup> Darliete Sousa Lima escreveu este texto para a Disciplina Tecnologia Educacional I, que compõe a grade curricular do 3º semestre do Curso de Pedagogia da Faculdade Sumaré. A intenção da referida disciplina, em 2006 sob responsabilidade de Grácia Lopes Lima, é formar professores para a Educomunicação.

<sup>2</sup> A exibição do vídeo-documentário *FM Esperança*, de Jessé Silva foi interrompida porque, de tanto uso, a mídia, cheia de riscos, travava a imagem.

Mesmo estando eu aqui, a três mil quilômetros de distância daquela pacata vila que foi e é tão importante para minha vida, onde eu cresci, fui beneficiada pela rádio que lá surgiu.

A rádio surgiu junto com o telefone público. A partir disso, transformou a vida daquelas pessoas e a minha. Meus familiares e amigos moram todos lá, e o telefone é essencial para que eu possa comunicar-me com eles.

Em frente à casa de minha mãe tem um orelhão, de onde ela efetua as ligações para mim e recebe as minhas, mas um dia ele quebrou e assim permaneceu por vários dias. Portanto, fiquei impossibilitada de falar com todos.

Foi quando lembrei que a minha mãe comentou sobre a rádio da Vila, que foi criada e era a novidade do momento, pois as pessoas podiam ligar e oferecer músicas, enviar recados, colocar propagandas dos seus estabelecimentos comerciais e outros, e passou o número do telefone para mim.

Então, tive a brilhante idéia de ligar e pedir para que os meus amigos locutores da rádio mandassem um recadinho para a minha mãe, falando que eu estava com saudades dela e de todos e que não estava conseguindo falar com ela. Marquei até um horário para que ela fosse até outro orelhão que fica um pouco distante e esperasse a minha ligação. Tudo resolvido: "matei" as saudades dos meus amigos, os locutores da rádio, e esclareci o mal entendido, pois ela achava que eu esquecido de todos, porque eu nunca mais tinha ligado, como costumava fazer todos os finais de semana.

Não tem como descrever nem a minha emoção ao falar com os meus amigos da rádio nem a deles, que ficaram cheios de orgulho, pois era muito importante publicar um recado que veio de tão longe. Todos ficaram comentando, envaidecidos, foi inesquecível.

Apesar de haver vários orelhões e uma grande quantidade de domicílios com linha telefônica, o que predomina até hoje na Vila Canindé são as cartinhas que são deixadas embaixo da porta da rádio, com mensagens de amor, amizade, que deixam aqueles a quem as mesma são destinadas com o ego, a auto-estima, elevadíssimos.

A cada momento que escrevo vou lembrando de algumas situações que vivenciei que estão relacionados à rádio. Uma outra recordação que tenho é de quando eu estava na quarta série e minha irmã na sexta, e resolvemos homenagear a nossa mãe, enviando um a carta para a rádio comunitária da cidade vizinha que ficava a trinta quilômetros da vila e era onde nós também estudávamos.

Como não morávamos na cidade, não sabíamos nem onde ficava a rádio, mas perguntamos para os nossos colegas e eles nos informaram. Andamos muito, quase perdemos o ônibus

de volta para casa por causa da carta, mas conseguimos. Depois disso tudo, era só esperar e torcer para que o locutor mandasse o recadinho.

O programa em que o locutor lia as cartas passava às cinco horas da manhã. Minha mãe costumava acordar às quatro para nos preparar para irmos à escola. Sua primeira ação do dia era ligar o rádio. Sem dúvida, então, ela ouviria a nossa cartinha. Assim foi. Quase não dormimos naquele dia, ansiosas para o grande momento. Não queríamos perder. Foi emocionante quando o locutor falou o nosso nome e o leu o recado. Todas nós ficamos muito felizes.

Não conhecíamos os responsáveis pela rádio, mas ela foi muito importante para nós. Por motivos políticos, ela fechou, mas essas lembranças ninguém jamais “desligará” de minha mente e coração.

Eu posso dizer com muita convicção que comunicação é vida e através dela podemos mudar o mundo e o nosso modo de vê-lo, e que para viver também é preciso além de comer, comunicar-se, falar, ouvir, sentir.